

# MULHERES À VISTA: PARTICIPAÇÃO FEMININA NA REVISTA ST. PAULUS-BLATT DURANTE A COLONIZAÇÃO DE PORTO NOVO

*WOMEN IN SIGHT – FEMALE PARTICIPATION IN ST. PAULUS-BLATT DURING THE COLONIZATION OF PORTO NOVO*

**Valdir Eidt**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.  
E-mail: valdireidt@gmail.com

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v25i2.1491>

Recebido em: 30.09.2023

Aceito em: 26.11.2023

---

**Resumo:** Este artigo retrata como a *Volksverein* (Sociedade União Popular), através do seu órgão oficial de imprensa, a Revista St. Paulus-Blatt, abordou a *questão da mulher*, desde a fundação da revista, em 1912 até o ano de 1936 quando cessa a participação de Maria Rohde, escritora que é reconhecida como a principal fonte de pesquisa bibliográfica dos primeiros 25 anos da colonização de Porto Novo, no extremo oeste catarinense. O texto foca em dois aspectos principais: nas estratégias dos editores para incentivar a participação feminina através da redação de artigos e nas imagens e representações acerca do feminino que a revista veiculou. Tais imagens e representações remetem ao germanismo e ao romantismo conservador, mas nos escritos de Maria Rohde observa-se apelos para retirar a mulher da condição dependente e subsidiária e colocá-la numa posição de maior protagonismo.

**Abstract:** This article portrays how the Volksverein (People's Association), through its official press organ, the St. Paulus-Blatt Magazine, addressed the Women's question from the foundation of the magazine in 1912 until 1936, when the involvement of Maria Rohde ceased. Rohde, recognized as the main bibliographic source on the first 25 years of the colonization of Porto Novo in the far west of Santa Catarina, played a significant role in the discussion. The text focuses on two main aspects: the editors' strategies to encourage female participation through the writing of articles and the images and representations the magazine conveyed regarding the female gender. These images and representations harken back to Germanism and conservative romanticism. However, in Maria Rohde's writings, one can observe appeals to remove women from a dependent and subsidiary condition and place them in a more prominent role.

**Palavras-chave:** Colonização alemã. Catolicismo. Imprensa. Gênero.



A Revista Missioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

## 1 Introdução

A colônia de Porto Novo (atuais municípios de Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste) foi um empreendimento colonial realizado pela Sociedade União Popular, a *Volksverein*, fundada em 1912 durante a realização do 9º Congresso Católico realizado em Venâncio Aires. Na ocasião também foi fundada a revista de circulação mensal *St. Paulus-Blatt* para ser o órgão oficial de imprensa da *Volksverein*. A revista foi a principal fonte de leitura dos teuto brasileiros de confissão cristã católica da região sul durante toda a primeira metade do século XX e, em especial das famílias colonizadoras de Porto Novo. Tanto o empreendimento associativo, quanto seu órgão de imprensa são frutos da iniciativa dos padres da Companhia de Jesus, apoiados por empreendedores leigos. Este artigo discute o tratamento que a revista *St. Paulus-Blatt* deu à *Frauenfrage* (questão da mulher), procurando identificar o espaço concedido ao tema, à autoria dos discursos emitidos sobre a questão, identificando inclusive os apelos da revista para a participação feminina na redação de artigos e, principalmente, as imagens e representações acerca dos papéis sociais femininos propugnadas pelo periódico. Nesse sentido se analisa até que ponto os discursos emitidos acerca do feminino se coadunam com a visão de mundo dos dois grandes movimentos culturais que constituem o pano de fundo da mentalidade hegemônica entre os imigrantes alemães e seus descendentes: o germanismo e o romantismo conservador. Ambos estes movimentos culturais operavam com conceitos de identidade fixados num passado eterno e procuravam estabelecer uma linha de continuidade entre as gerações do passado e do presente, dando a entender que aquilo que caracterizava a identidade da mulher no passado também a definiria no presente e no futuro. Para levantamento dos dados, recortamos o período compreendido entre 1912, data de fundação da *St. Paulus-Blatt*, e 1935, ano em que encontramos os últimos artigos assinados por Maria Wiersch Rohde, que ao lado de Agathe Fessler, foi uma das duas mulheres a escrever na revista no período relatado. Maria Rohde, acompanhou pessoalmente a colonização de Porto Novo desde o 1º ano da fundação e, graças ao seu livro “Espírito Pioneiro” é reconhecida como a principal fonte de pesquisa bibliográfica dos primeiros 25 anos da colonização. Se por um lado, dos escritos de Agathe Fessler e Maria Rohde na revista *St. Paulus Blatt*, emergiram as imagens e representações femininas tradicionais, caracterizadas sobretudo pela maternidade e pelos atributos que a acompanham e que podem ser reduzidos ao famoso jargão dos 3 K, isto é, Kinder, Küche e Kirche (crianças, cozinha e capela), por outro lado, elas promoveram um certo distanciamento crítico com as representações tradicionais acerca do “jeito certo de ser mulher” e cada uma dessas escritoras à sua maneira, acenava com novas possibilidades sem, no entanto, aderir às pautas dos movimentos feministas de caráter liberal. É possível afirmar que suas posições, com pequenas variantes e peculiaridades, eram ambíguas e oscilavam entre o tradicional e o moderno.

## 2 A mulher na *Volksverein* e na revista *St. Paulus-Blatt*

A Sociedade União Popular (*Volksverein*), que foi a Companhia Colonizadora que fundou a Colônia de Porto Novo, é resultado de uma decisão tomada na 9ª Assembleia de Católicos realizada no Rio Grande do Sul mais precisamente em Venâncio Aires em 1912. Naquela Assembleia, a criação dessa Sociedade foi defendida por dois oradores. Hugo Metzler, editor do jornal *Deutsches Volksblatt* de Porto Alegre, falou como leigo e o tom do seu

discurso pode ser resumido pela defesa da elevação do nível cultural dos teuto brasileiros de confissão católica e pela valorização do progresso material e econômico. Como meio para garantir esses dois propósitos sugeriu a criação da União Popular dos Católicos do Rio Grande do Sul (*Volksverein*). O outro orador foi o padre Theodor Amstad que, munido de um *anteprojeto* com os estatutos da nova organização, explicou “aos presentes a *natureza, os objetivos, a abrangência e as estratégias* da nova organização” (RAMBO, 2011, P. 239, grifos nossos). Juntamente com a fundação da *Volksverein* no Congresso Católico de Venâncio Aires, foi criada a revista St. Paulus-Blatt para ser o órgão oficial de imprensa da Associação. Através dessa revista também é possível acompanhar a programação, os debates e decisões dos Congressos Católicos e das reuniões dos delegados que preparavam as pautas e a programação dos mesmos. Assim também é possível acompanhar o tratamento dado à questão da mulher tanto na realização dos Congressos Católicos e na *Volksverein*, quanto na própria revista. O discurso proferido pelo Padre Amstad por ocasião da Assembleia que aprovou a criação da *Volksverein* mostra que a filiação de mulheres à entidade não tinha uma aprovação unânime:

Poderá associar-se à Associação todo e qualquer católico que tenha completado 18 anos. Dessa maneira, as portas da Associação acham-se franqueadas não apenas para os homens, mas também para as mulheres. Pois, por acaso não se diz: sócio poderá ser qualquer católico e, católicas são também as mulheres e, diga-se, para nossa vergonha, elas são muitas vezes melhores que os homens! Se tivesse dependido apenas de mim, o parágrafo teria uma redação mais explícita: sócios poderão ser todos os católicos de ambos os sexos. Infelizmente fui voto vencido na comissão de consultores por parte dos senhores colegas”. (St. Paulus-Blatt, nº 1, 1912, p. 8, apud RAMBO, 2011, p. 241).

Se o padre Amstad foi *voto vencido* ao propor uma redação estatutária que franqueasse inequivocamente a participação feminina é porque havia resistência à filiação das mulheres. Além disso, apesar da posição do padre ser aparentemente progressista, seu discurso não deixa de ter uma conotação androcêntrica já que considera uma *vergonha* que muitas vezes as mulheres são *melhores* do que os homens. Mesmo assim, tudo indica que a filiação de mulheres à *Volksverein* não só não foi vetada como de fato aconteceu. É o que se entende através do relato publicado no jornal *Deutsches Volksblatt* que cobriu o evento: “imediatamente depois da reunião da tarde [...] assim como também no dia seguinte, várias centenas de homens e também de mulheres se inscreveram nas listas da *Volksverein*” (*Deutsches Volksblatt*, 20/03/1912, apud LERMEN, 2004, p. 202). Depois desse “entusiasmo” inicial parece, no entanto, que a participação feminina diminuiu, assim como aparentemente também a própria *Volksverein* prestou pouca atenção nas mulheres. É o que se entende através de um artigo publicado na 1ª edição da St. Paulus-Blatt de 1926, quando, depois de fazer uma espécie de “confissão de dívida” para com o mundo feminino, reconhecendo que até aquele momento a revista tratou as mulheres com uma certa “negligência” (*stiefmütterlich*), o articulista lamenta que:

na vida social as nossas mulheres e moças colonas ficaram um pouco para trás, pelo menos do lado católico. É verdade que aqui e ali nossa *Volksverein* também conta com uma quantia de mulheres entre seus associados. No entanto, a participação das mulheres na *Volksverein* tem sido até agora muito baixa para ter qualquer influência especial.<sup>1</sup>

1 “Nur im Vereinsleben sind unsere Kolonistenfrauen und Mädchen etwas zurückgeblieben, wenigstens auf Katholischer seite. Zwar zählt da und dort der *Volksverein* unter seinen Mitgliedern auch eine Anzahl Frauen. Jedoch war die Beteiligung der Frauen am *Volksverein* bisher noch zu gering, als dass dieselben von besonderem Einfluss sein konnte” (St. Paulus-Blatt,

É justamente com o propósito de mudar essa realidade e remediar essa situação bem como atribuir na revista um lugar de honra (Ehrenplatz) às mulheres que se sugere a fundação de uma associação de mulheres católicas paralela à *Volksverein*.<sup>2</sup> Tal lugar de honra, aparentemente não se resumiria em dar visibilidade ao mundo feminino nas páginas da revista, mas as levaria até mesmo a fundar uma Associação secular só de mulheres católicas. Cita-se como referência a Associação de mulheres católicas suíça que, apesar de permanecer subordinada à *Volksverein* em geral, possuía conselho e corpo diretivo próprios e realizava reuniões anuais separadas. Para tanto conclama as mulheres, pelo menos “uma e outra” a participar do Congresso Católico de Novo Hamburgo, que aconteceria em março do mesmo ano e no qual uma comissão *restrita* em reunião *aconselharia* a criação de uma Associação de mulheres católicas (St. Paulus-Blatt, nº 1, Januar, 1926). Na edição seguinte o assunto volta a ser abordado e a revista sugere a realização de “uma assembleia de mulheres para a fundação de uma Associação de mulheres católicas.”<sup>3</sup> Contudo, na programação da pauta do evento, publicada na mesma edição não consta nenhuma alusão a criação de uma tal associação<sup>4</sup>. Em todas as edições posteriores do ano de 1926 não se fala mais de Associação de Mulheres e mesmo quando se dá notícias e relatórios sobre o Congresso Católico de Novo Hamburgo não há menção nenhuma a essa pauta. Além disso, apesar de ter prometido na 1ª edição do ano que concederia às mulheres “um lugar de honra” em suas páginas, a revista não criou nenhum espaço só para as mulheres e nem tratou mais de temas femininos naquele ano. No entanto, o assunto não havia desaparecido por completo e volta à tona com novas tonalidades na edição de fevereiro de 1927 quando a revista passa a contar com uma seção regular intitulada “Para as Mulheres” (Für die Frauen). À guisa de apresentação do novo espaço a revista declara:

Felizmente, começa agora a ser implementada na Volksverein uma instituição que deveria ter sido abordada há muito tempo e cuja fundação foi proposta no “St. Paulusblatte” para o Congresso Católico em Novo Hamburgo há um ano; queremos dizer a fundação da ajuda das mulheres dentro da Volksverein<sup>5</sup>.

Sem mencionar nenhum motivo ou razão para a não implementação de uma Associação de Mulheres durante o ano anterior, sutilmente a perspectiva em relação à atuação das mulheres na Volksverein muda e ao invés de se falar na criação de uma associação própria das mulheres como se sugerira um ano antes, passa-se a falar em *Frauenhilfe* no interior da Volksverein. Sem informar onde e nem como, em maio de 1928 um artigo da revista afirma que a escolha da expressão *Frauenhilfe* para definir o papel que as mulheres desempenhariam na *Volksverein* foi das próprias mulheres<sup>6</sup> e que a expressão explicaria por si só as atividades que caberiam a essa seção. O artigo mencionado deixa claro que existem “tarefas” a serem executadas pela *Frauenhilfe* e que as candidatas a dirigentes e filiadas nessa seção devem estar cientes dessas tarefas. Na medida em

nº 1, Januar, 1926, p. 1).

2 “Weil die Frauen in unserm Vereinsorgan bisher etwas stiefmütterlich behandelt wurden, so wollen wir im neuen Jahr denselben gleich den Ehrenplatz in der Schule des Volksvereins einräumen und uns in der heutigen Schule ausschliesslich mit den Frauen beschäftigen” (St. Paulus-Blatt, nº 1, Januar, 1926)

3 “eine Frauenversammlung vorgechlagen zur Gründung eines eigenen katholischen Frauenvereins” (St. Paulus-Blatt, nº 2, Februar, 1926)

4 Ver St. Paulus-Blatt, nº 2, Februar, 1926, p. 2 e 12.

5 “Glücklicher Weise beginnt jetzt im Volksverein eine Einrichtung ausgeführt zu werden, die man schon längst hätte in Angriff nehmen sollen und deren Gründung im “St. Paulusblatte” schon vor einem Jahre für den Katholikentag in Neu-Hamburg vorgeschlagen war; wir meinen die Gründung der Frauenhilfe innerhalb des Volksvereins”. (St. Paulus-Blatt, nº 2, Februar, 1927, p. 7).

6 Die Frauen besitzen in ihrem selbstgewählten Namen: “Frauenhilfe” schon den Hinweis auf ihre Tätigkeit innerhalb des Volksvereins (St. Paulus-Blatt, nº 5, Mai, 1928, p. 2).

que tais tarefas estavam definidas antes mesmo da fundação de um departamento próprio para a *Frauenhilfe*, fica evidente que eram tarefas que os homens haviam definido para serem executadas pelas mulheres. Além disso, a escolha do verbo “ajudar” para definir o papel que as mulheres deveriam assumir na *Volksverein* sugere que elas não ocupariam posições de protagonismo e liderança, mas subsidiárias e complementares.

A seção intitulada “Für die Frauen” na revista St. Paulus-Blatt se torna regular a partir do ano de 1927 e seus artigos abordam os mais diversos temas. Já nos primeiros artigos fica claro o pressuposto segundo o qual existe uma *natureza* da mulher dada por Deus de uma forma definitiva e que a esta natureza corresponde deveres morais e papéis sociais. Então os artigos se dividiam entre aqueles que se voltavam para temas morais tais como os deveres, obrigações e comportamentos que cabiam às mulheres enquanto moças virgens, esposas ou mães e aqueles que continham orientações práticas sobre os cuidados com a alimentação, higiene, vestuário, prevenção e tratamento de doenças. Nenhum assunto da vida cotidiana dos moradores das zonas de colonização escapava do espaço “para as mulheres”. Eventualmente a seção era utilizada também para a publicação de contos ou histórias com cunho moral envolvendo personagens femininas. Os artigos publicados nessa seção transmitem uma imagem sobre a mulher cristã católica que repousa na crença fundamental segundo a qual a mulher foi criada por Deus para ser subsidiária do homem: “ser ajudante do homem, esse é o destino da mulher.”<sup>7</sup> Muitos artigos publicados na seção “para as mulheres” fazem referência a esse papel subsidiário e reafirmam a imagem tradicional da mulher cristã católica aplicando-a às mulheres integrantes da associação. É o caso do artigo assinado pelo secretário itinerante da *Volksverein*, Siegfried Kniest em junho de 1928 que atribui à mulher a responsabilidade pela instituição e preservação do *espírito comunitário* que é um dos propósitos da *Volksverein*. Ao se referir à *natureza* da mulher, o articulista afirma que “o arquétipo do espírito comunitário, é a dona de casa, a mãe que se esquece de si mesma enquanto cuida da família, marido e filhos<sup>8</sup>”.

As “atividades” que caberiam à *Frauenhilfe* na *Volksverein* passam a ser elencadas a partir de fevereiro de 1927. Pela sequência de atividades que caberiam às mulheres fica evidente que as seções femininas da *Volksverein* não teriam um papel independente e sim subsidiário e complementar. A primeira dessas atividades seria a própria *propaganda* acerca da seção feminina da associação. O primeiro passo seria ampliar o número de mulheres associadas à *Volksverein* usando como atrativo a criação da *Frauenhilfe*. A tarefa caberia especialmente às líderes que deveriam arregimentar possíveis associadas convidando de forma *amigável* todas as mulheres e moças católicas<sup>9</sup>. Caberia também a estas lideranças a divulgação da própria revista St. Paulus-Blatt e, para tanto, seriam disponibilizados *um e outro* número de exemplares gratuitos que poderiam ser usados na propaganda. Se a propaganda desse certo e o número de associadas mulheres e moças aumentasse, caberia à dirigente chamar uma reunião na qual então se discutiria mais detalhadamente as tarefas a serem executadas pelo departamento feminino.

No período que vai de fevereiro de 1927, quando o espaço “Para as Mulheres” foi instituído até agosto de 1928, isto é, 1 ano e meio depois, nenhum artigo foi assinado por uma mulher.

7 “Also die Gehilfin des Mannes zu sein, das ist die Bestimmung der Frau” (St. Paulus-Blatt, nº 1, Januar, 1926, p. 1).

8 “Das Urbild des Gemeinsinns ist die Hausfrau, die Mutter, die über dem Sorgen für die Familie, für Mann und Kinder sich selbst vergisst”. (St. Paulus-Blatt, nº 6, Juni, 1928, p. 3).

9 “Jede katholische Frau und jedes erwachsene Katholische Mädchen soll in freundlicher, aber nicht zubringlicher Weise zum Beitritt angesprochen werden” (St. Paulus-Blatt, nº 2, Februar, 1927).

Na prática, raramente os artigos eram assinados. Eventualmente apareciam as iniciais do nome do autor, mas pelo conteúdo ficava evidente que normalmente era o editor da revista o autor dos artigos. Em agosto de 1928, no entanto, a autoria do artigo intitulado *Troca de Opiniões*, publicado no espaço “para as mulheres”, é atribuído a uma *Hausfrau* (dona de casa). No artigo a suposta *Hausfrau* toma posição em relação a uma polêmica que envolvia a criação de uma escola “de cuidados domésticos” (*Haushaltungsschulle*) para as filhas dos colonos. O assunto tinha sido objeto de debate no Jornal *Deutsches Volksblatt* de Porto Alegre e havia quem defendesse a criação de uma tal escola pela *Volksverein*. O editor da revista St. Paulus-Blatt era contrária pois entendia que as famílias dos colonos não teriam condições de pagar para matricular suas filhas nessa escola e que, ao invés de criar uma escola dessas, se poderia instituir uma pensão onde “um certo número de meninas poderia fazer um curso de treinamento em determinados horários [...] a um preço e hospedagem razoáveis<sup>10</sup>”. No artigo, a suposta autora, defende exatamente a mesma opinião do “tio viajante<sup>11</sup>” que na prática é o editor da revista e afirma que está *surpresa* pelo fato de nenhuma mulher ter expressado sua opinião a respeito do assunto já que acredita que todas as mulheres *pensaram* alguma coisa a respeito. O artigo termina com um apelo: “peço a todas as minhas queridas co-irmãs que queiram abordar este tema extremamente importante e também que se posicionem nessa direção.<sup>12</sup>” O artigo publicado no espaço “para as mulheres” de novembro do mesmo ano, começa com a declaração de que “é muito gratificante que agora as mulheres também estejam fazendo sugestões<sup>13</sup>” e cita como exemplo dessa novidade justamente o artigo publicado em agosto. Os artigos de agosto e novembro de 1928 sugerem um o esforço por parte dos dirigentes da Associação no sentido de envolver as mulheres nos propósitos da entidade, uma espécie de retirada das mulheres da *invisibilidade* em que elas se encontravam sem, no entanto, lhes dar vez e voz nas decisões políticas pertinentes à associação. O que se queria era dar voz às mulheres justamente para comprometê-las com os projetos da Associação decididos pelos dirigentes. O fato de terem usado um estratagema para aparentar essa participação feminina atesta o quanto o mundo feminino ainda estava ausente dos debates envolvendo os assuntos da Associação. E isso não mudou nos anos seguintes. Tudo indica que em 1929, o editor da revista utiliza mais uma vez tal estratagema. Nas edições de julho e setembro no espaço “para as mulheres” publica artigos não assinados em que se elenca supostos desperdícios praticados pelas donas de casa (*Hausfrauen*). O tom provocativo em que os artigos foram escritos sugerem que o editor tivesse a intencionalidade de provocar as mulheres para forçar uma possível resposta, assinada por uma mulher. Talvez porque tenha esperado em vão tal resposta, em dezembro, ele publica uma suposta carta cuja autoria atribui a uma “simples esposa de colono” que afirma ser sua intenção restabelecer a honra das “parcimoniosas” e “corajosas” colonas alemãs. Conforme a carta, uma colona que trabalha da manhã à noite, acompanhando o marido na roça e depois de voltar para casa ainda ordenha as vacas e cuida das crianças, não tem tempo para se entregar “aos

10 “eine bestimmte Anzahl Mädchen einen Lehrkursus durchmachen könnte [...] eine Hermässigen Preis verköstigung und Absteigequartier (St. Paulus-Blatt, nº 8, August, 1928, p. 4).

11 “Tio viajante” é certamente a expressão utilizada por Siegfried Kniest para substituir a expressão “secretário itinerante” que era um eventual integrante da diretoria da *Volksverein* e que entre outras funções tinha por tarefa percorrer os núcleos coloniais com o propósito de propagar a entidade, conquistar novos sócios e difundir a revista St. Paulus-Blatt. Essa função foi exercida por padres e também por leigos. Siegfried Kniest, professor paroquial, exerceu essa função entre 1925 e 1935, tendo percorrido 67 mil KM. Ver a respeito, RAMBO (2011, p. 250 a 254).

12 “Nun bitte ich alle lieben Mitschwestern, sich dieses überaus wichtigen Themas anhehmen zu wollen und sich auch auf diesem Wege zu äussern” (St. Paulus-Blatt, nº 8, August, 1928, p. 5).

13 “Hoherfreulich ist es, dass aus den Reihen der Frauen nun auch Vorschläge gemacht werden, bezüglich der Gründung von Haushaltungsschulen im Deutschen Siedelungsgebiete” (St. Paulus-Blatt, nº 11, November, 1928, p. 3 e 4).

vícios preguiçosos da vaidade<sup>14</sup>”. Na sequência a suposta carta foca nos abundantes exemplos de “desperdício irresponsável” do mundo masculino: jogos de cartas, apostas e bebidas. Enquanto jogam e bebem, esquecem do trabalho, da mulher e dos filhos e depois de ficar horas no baralho e na bebedeira e ter perdido os últimos centavos nas apostas, os homens voltam para casa, sonolentos e de mau humor. Aí segue a pergunta da “simples esposa de colono”: “isso não é flagrante desperdício<sup>15</sup>?”

Que a carta muito provavelmente foi fruto da imaginação do editor parece ficar atestado pela réplica publicada na primeira edição do ano seguinte quando menciona a carta e reafirma a posição defendida nos artigos de julho e setembro do ano anterior atacando especialmente a vaidade feminina, que geralmente se mostra no excesso de roupas e na diversidade de cores. Afirma ainda que quem acostumou seus filhos à simplicidade condizente com seu status no vestuário, não é alvo da censura do artigo e que espera ser este também o caso da “velha e experiente colona” que se manifestou na edição anterior. O artigo termina com um apelo formal às mulheres colonas: para que colaborem “mais do que o fizeram até agora” com o espaço dedicado a elas, “uma vez que elas próprias devem saber melhor onde o sapato aperta.<sup>16</sup>” Mais uma vez tudo indica que o apelo não logrou êxito já que não aparecem artigos assinados. No entanto, aparentemente, o editor não dá o braço a torcer e já que não recebe correspondência das leitoras, publica um artigo atribuído à escritora Dina Ernstberger<sup>17</sup> intitulado: “Tolerância”. Assim a primeira mulher que figura como articulista na revista *St. Paulus-Blatt* muito provavelmente nem sabia dessa sua participação. O conteúdo desse artigo certamente traduz a concepção de mulher que a revista *St. Paulus-Blatt* e a *Volksverein* possuíam e, ao mesmo tempo, dá o tom do que deveria ser a participação feminina nos projetos da entidade. Conforme o texto, as mulheres estão munidas naturalmente de características emocionais que as habilitam a desempenhar tarefas e promover valores para os quais os homens não teriam aptidão. Assim as mulheres seriam moralmente superiores porque capazes de suportar sofrimentos e fazer sacrifícios que os homens não estariam em condições de fazer. Desse modo a mulher recebe, conforme o artigo, a “tarefa sagrada” de manter a paz doméstica. Para ser bem sucedida nessa atribuição ela deve ser “capaz de se submeter, deve fazer sacrifícios, deve agir para apaziguar o homem quando ele se sente ofendido por algo ou alguém; ela deve também ser capaz de perdoar e não ser ressentida e sensível<sup>18</sup>”. Assim como pode promover a paz, a mulher também é capaz de ser a “coveira” da felicidade doméstica. Isso acontece quando ao invés de amortecer, ela agita, quando no lugar de proferir palavras de amor, ela profere censuras. Cabe então à mulher, através do exercício da tolerância, educar todo o grupo familiar para a paz. Se muitas vezes é inevitável para o homem se envolver numa briga, com sabedoria e uma mão gentil a mulher deve “umedecer o tição”. A paz, portanto, depende da mulher.

14 “sich der faulen Untugend der Eitelkeit hinzugeben” (*St. Paulus-Blatt*, nº 12, Dezember, 1929, p. 3)

15 “Ist das alles nicht himmelschreiende Verschwendung?” (*St. Paulus-Blatt*, nº 12, Dezember, 1929, p. 3).

16 “denn sie selber müssen doch am besten wissen, wo sie der Schuh drückt!” (*St. Paulus-Blatt*, nº 1, Januar, 1930, p. 13).

17 Dina Ernstberger (1871-1949) foi uma escritora alemã que viveu praticamente toda sua longa vida em Neunkirchen, Francônia, na Alemanha. Filha de fazendeiros ricos teve acesso à educação formal numa escola para moças de famílias “superiores” na Inglaterra. Depois de perder seus parentes e grande parte de sua riqueza passou a ganhar sua vida com a escrita. Escreveu para jornais e revistas na Alemanha e no exterior sendo que seus artigos foram publicados na Holanda, Luxemburgo, Suíça e Canadá. Também teve produção literária com a publicação de vários livros. É bem provável que o editor do *St. Paulus-Blatt* simplesmente tenha reproduzido artigo dela sem o conhecimento da autora.

18 “Die Frau muss sich unterordnen können, muss Opfer bringen, muss begütigen auf den Man einwirken, wenn er sich durch irgend etwas oder irgen wen beleidigt fühlt; sie muss auch verzeihen können und dar nicht nachtraend und empfindlich sein” (*St. Paulus-Blatt*, nº 2, Februar, 1930, p. 5).

A concepção de *natureza* feminina que transparece no artigo mencionada nos remete ao germanismo (Deutschtum e/ou Volkstum), que nas palavras de Seifert (1989: 126) foi “uma ideologia de caráter etnocêntrico”, difundida na Alemanha especialmente a partir do final do século XIX:

Os mentores do germanismo viam-se como portadores de cultura, encarregados da nobre missão de formar os imigrantes e seus descendentes, procurando padronizar seus integrantes a partir de um modelo único e imutável de identidade - a germanidade (GRÜTZMANN, 2008a, p. 2).

Ainda conforme a historiadora, a ideia de preservação da germanidade entre os imigrantes foi concebida por uma elite intelectual e cultural que abrigava desde profissionais liberais e comerciantes, passando por editores de revistas, dirigentes de instituições e associações até clérigos da igreja Evangélica. Havia, portanto, acima dos ideais de identidade do catolicismo restaurado, um ideário ainda maior, o germanismo, que congregava ao mesmo tempo os imigrantes alemães de confissão católica e evangélica e que serviu de referência para a formação da identidade dos imigrantes alemães no sul do Brasil. Tudo indica que os editores da revista St. Paulus-Blatt partilhavam dos ideais do germanismo e que esperavam que as contribuições femininas e as representações acerca do feminino reproduzissem o modelo de identidade dessa visão de mundo.

### 3 Finalmente uma mulher que escreve

Apesar dos apelos e das estratégias dos editores não apareceram inserções assinadas por mulheres até março de 1931, quando foi publicado o primeiro artigo assinado pela enfermeira Agathe Fessler que também foi a primeira mulher a discursar num Congresso para alemães católicos no Rio Grande do Sul. A enfermeira passou a figurar com frequência no Espaço “Für die Frauen” e de março de 1931 até agosto de 1932, foram publicados 14 artigos assinados por ela. Os dez primeiros recebem o título de “Samaritana” (*Samariterin*) e seu conteúdo é formado por um conjunto de orientações práticas para o exercício de cuidados de enfermagem no ambiente doméstico e familiar. Mesmo quando atribui outros títulos a seus artigos, Agathe Fessler escreve sobre temas ligados à enfermagem como o cuidado com idosos e dieta alimentar para doentes. Apenas um dos seus artigos destoa dessa abordagem. É artigo de janeiro de 1932 que versa sobre a “escravidão” da moda. Percebe-se dessa forma que o discurso da enfermeira Agathe Fessler se conforma aos valores do ideário propagado pela Volksverein e seu órgão de imprensa. O perfil da escritora se encaixa no ideal procurado e, não é à toa, que ela também se torna a primeira mulher a discursar num congresso para alemães católicos.

O espaço “Für die Frauen” que no ano de 1931 foi predominantemente ocupado pela enfermeira Agathe Fessler em 1932 foi perdendo o fôlego conforme a participação da mesma foi diminuindo e, com exceção de um e outro artigo com dicas práticas para as “donas de casa”, nem foi inserido. Em 1933 o espaço apareceu só nas edições de janeiro, junho e agosto, mas os artigos não são assinados e os assuntos abordados são os 100 anos da máquina de costura e a sugestão para a criação de uma cooperativa de avicultoras. Agathe Fessler ainda escreveu um artigo na edição de dezembro, mas ele não aparece no espaço “para as mulheres”. O que a ausência das mulheres na revista, apesar dos constantes apelos dos editores para ampliar a participação feminina, parece atestar é que a participação delas não acontecia porque não queriam, mas porque não tinham os recursos necessários para tal. Na edição de maio de 1934, o secretário itinerante da *Volksverein*,

Sigfried Kniest, aborda o assunto na revista *St. Paulus-Blatt*. Relata que em suas andanças pelas diferentes zonas de colonização alemã no Rio Grande do Sul observa que não há um sentimento a favor da necessidade urgente de instrução formal além da escola primária. Os pais vêem a liberação dos filhos para frequentar a escola como tempo desperdiçado e os próprios adolescentes consideram a presença na escola como uma limitação de sua liberdade. Depois de constatar a indiferença em relação à educação formal e continuada, Kniest faz um desabafo e lança um questionamento que explica muito bem o porquê das mulheres não terem respondido aos apelos lançados pela revista para que escrevessem:

é para ser sempre do jeito que é agora quando nas reuniões da associação só com dificuldades se encontra pessoas capazes de escrever uma ata? Se for preciso encomendar alguma coisa para os membros da associação, se o caixa tiver de ser revisado, se um questionamento tiver que ser apresentado à central da *Volksverein*, enfim, curto e grosso, se na vida houver algo para ser resolvido através da escrita, deve-se sempre ser obrigado a dizer: “Ah, sim, já se pode ver que isso foi escrito por uma pessoa estúpida?”<sup>19</sup>.

Se as pessoas capazes de escrever a ata de uma reunião eram encontradas com dificuldade e se os raros escritos existentes representavam praticamente um “atestado de estupidez”, como poderia haver candidatas para redigir artigos na revista? É como se, depois de esperar em vão por praticamente 6 anos que as mulheres se envolvessem nos debates escritos que a revista propunha, o secretário itinerante Kniest tivesse se dado conta de que aquilo que se pedia às mulheres era mais do que elas podiam dar. O fato é que nos anos de 1932 e 1933, com exceção das inserções de Agathe Fessler, o espaço “para as mulheres” praticamente deixou de ser ocupado e mesmo artigos assinados por Fessler eram publicados em outras seções. A mesma tendência seguiu em 1934 quando a participação de Agathe diminuiu também, sendo que publicou duas historinhas voltadas para crianças na edição de junho e dicas sobre frutas na edição de agosto. A seção “para as mulheres” apareceu somente em julho e novembro com dicas e receitas para as donas de casa. No entanto, os dirigentes da *Volksverein* e editores da revista *St. Paulus-Blatt* ainda não haviam desistido das mulheres e isso fica muito evidente na edição de setembro com o artigo “A mulher na *Volksverein*”, assinado com as iniciais de M-e<sup>20</sup>. O artigo lembra lembra a carta de São Paulo aos coríntios, quando o apóstolo afirma que as mulheres devem manter-se caladas nas assembleias, mas o articulista, provoca as leitoras a se envolver nos assuntos da associação falando sobre eles com seus maridos no “silêncio do lar no pacífico círculo familiar<sup>21</sup>”. Após mencionar as funções tradicionais das mulheres como donas de casa, zeladoras da ordem e do bem estar da família, promotoras da moral, da religiosidade e espiritualidade, o articulista pergunta: “não seria pecado se ainda lhes pedíssemos que também se preocupassem um pouco com a política e com os acontecimentos mundiais? E também na *Volksverein*<sup>22</sup>?” Esse envolvimento na vida política e

19 “Soll es denn immer so bleiben, dass bei Vereinssitzungen nur schwer Leute zu finden sind, die ein Protokoll schreiben können? Wenn für die Vereinsmitglieder etwas zu bestellen ist, wenn die Kasse zu revidieren, eine Anfrage bei der Zentrale des *Volksverein* einzureichen ist, kurz und gut, wenn im Leben irgend etwas Schriftliches anzupacken ist, soll es dann immer wieder heissen: “Ach ja, man sieht schon, dass das ein dummer Mensch geschrieben hat?” (*St. Paulus-Blatt*, nº 5, Mai, 1934, p.2).

20 Muito provavelmente Heinrich Muhle, que conforme nota publicada na edição de abril de 1935, foi colaborador da central da *Volksverein* por 5 anos, se destacando pela participação praticamente mensal com artigos na revista *St. Paulus-Blatt*. Heinrich Muhle estava deixando a *Volksverein* porque havia assumido uma nova função na firma Metzler, responsável pela publicação do *Deutsches Volksblatt* em Porto Alegre. (*St. Paulus-Blatt*, nº 4, April, 1935, p. 6)

21 “die Stille des Heims, der friedlicher Kreis der Familie” (*St. Paulus-Blatt*, nº 9, September, 1934, p. 1).

22 “wäre es nicht Sünde, wollte man sie noch bitten, sich auch etwas um Politik, Weltbeebeheiten zu kümmern? Um den *Volksverein*?” (*St. Paulus-Blatt*, nº 9, September, 1934, p. 1).

nos acontecimentos mundiais é justificado sob o argumento de que a mulher precisa participar da “luta econômica” do marido e, quando ele não compreende sozinho que tal luta só pode ser vencida, quando ele age como membro atuante dentro de uma associação como a *Volksverein*, a mulher precisa lhe abrir os olhos, deve “lhe dar ideias”, enfim, deve convencê-lo a se associar e participar ativamente da *Volksverein* pelo seu próprio bem e pelo bem da esposa e da família. É em tais circunstâncias, portanto, que a mulher deve “falar”. Está dado, portanto, o perfil de mulher que a *Volksverein* deseja e procura. Um perfil saudosista que idealiza a antiga mulher das comunidades germânicas e da idade média, onde a mulher figurava como conselheira dos homens e mediadora com o divino. A identidade feminina assim é representada como a repetição contínua do passado. O que a *Volksverein* visa instituir é uma ordem social em que os diferentes gêneros convivam em harmonia e cooperação, o que na concepção de suas lideranças somente seria possível se as mulheres ficassem satisfeitas com o papel de conselheiras e cooperadoras.

Oito meses depois, ou seja, na edição de maio de 1935, a revista volta a abordar o tema da participação feminina na entidade com novo artigo intitulado “A posição das mulheres na *Volksverein*”. Basicamente se afirma que a participação feminina nas reuniões das diferentes seções da Associação tem diminuído gradativamente no decorrer dos anos. A verdadeira causa do “mal” que é o desinteresse das mulheres nos assuntos da *Volksverein* é identificada como sendo a predominância de assuntos econômicos como pauta principal das assembleias. Parte-se do pressuposto segundo o qual Deus criou os homens como “lutadores” e as mulheres como “guardiães fiéis” de modo que a luta econômica cabe aos primeiros, enquanto que às últimas “devem assumir um papel mais silencioso, de convidadas nas reuniões, o que naturalmente tem de resultar em falta de interesse.”<sup>23</sup> Com base nesse diagnóstico a revista solicita à “todas as mulheres da família *Volksverein*” que enviem cartas respondendo à seguintes perguntas: “Como podemos enfrentar esse mal? Quais caminhos devem ser seguidos?”<sup>24</sup>

#### 4 Uma mulher que escreve mais do que os homens gostariam de ler

As perguntas lançadas em maio de 1935 receberam uma resposta escrita e publicada em julho daquele ano. A autora foi Maria Rohde que desde o mês de janeiro daquele ano contribuía com a revista publicando pequenos relatos das reuniões de mulheres realizadas na comunidade de Sede Capela, Itapiranga, onde residia com seu marido Carlos Rohde, diretor da *Volksverein*. Em seu livro “Espírito Pioneiro – a herança dos antepassados”, ela relata que o ano de 1935, ou seja, 9 anos depois do início da colonização, foi marcado pelo “despertar das forças espirituais que dormem em cada ser humano” (Rohde, 2021, p. 217). Afirma que o Congresso de Alemães Católicos, realizado em 1934 em Itapiranga, havia despertado “os primeiros brotos” que sacudiram as “necessidades espirituais”. Atribui esse “despertar” aos esforços da *Volksverein* e à revista *St. Paulus-Blatt* que “havia evoluído para o seu formato mais belo, de modo que, adultos, jovens e crianças gostavam de tê-lo em mãos” (Rohde, op. cit. p. 217). No contexto desse “renascimento” da atividade espiritual em meio à mata virgem, a escritora ainda menciona a organização de seções (departamentos) separadas para mulheres, homens e jovens que se reuniam com periodicidade. Declara que a organização e o funcionamento dessas seções chegaram “ao

23 “das unsere Frauen mehr ein stumme Gastrolle während den Versammlungen übernehmen müssen, die sich naturgemäss zur interessenlosigkeit auswirken muss”. (*St. Paulus-Blatt*, nº 5, Mai, 1935, p. 8).

24 “Wie können wir diesem Übel begegnen? Welche Wege müssen eingeschlagen werden?” (*St. Paulus-Blatt*, nº 5, Mai, p. 8)

auge” no ano de 1935. Talvez isso explique a sua presença em praticamente todos os números da revista *St. Paulus-Blatt* naquele ano. Em julho ela publica sua resposta às perguntas lançadas para as mulheres na edição de maio de 1935. Constata que onde se supõe desinteresse, existe na verdade, desorganização. Segundo sua avaliação, a principal razão para a diminuição gradativa da participação feminina nas reuniões é a ausência de programas e pautas claras. Com uma pequena dose de ironia, Maria afirma que muitas reuniões das quais participou podem ser resumidas assim: começam com o tradicional “Louvado seja Jesus Cristo”, seguido de uma breve discussão acerca de questões econômicas das quais não se obtém nenhum resultado e “como ninguém sabia mais nada para dizer a reunião é encerrada novamente com a saudação católica e todos vão para casa desapontados e insatisfeitos<sup>25</sup>”. A insatisfação dos homens é um pouco menor porque eles ainda têm tempo para um jogo de baralho, mas as mulheres costumam dizer que não vale a pena fazer o percurso de casa até a reunião só para isso. A falta de interesse nas reuniões, portanto, é generalizada e a causa é desorganização e falta de planejamento. Então a articulista propõe como remédio para esse mal que se escolha líderes adequados para conduzir tais reuniões, pessoas capazes de “ler em voz alta” e dispostas a sacrificar um pouco de tempo para as boas causas da associação que façam executar um programa pré definido de duas horas que tenha sido planejado inclusive com a participação das mulheres. Tais reuniões poderiam ser conduzidas tanto por um homem quanto por uma mulher e compreenderiam assuntos ou temas diversos do cotidiano colonial até temas mais gerais como a educação dos filhos, pesquisa genealógica, criação de arquivos de memória familiar e criação de cooperativas. “Também com bens espirituais devemos enriquecer. Seria muito bem-vindo se líderes capazes cuidassem um pouco disso também<sup>26</sup>”. Na medida em que generaliza o desinteresse, estendendo-o também ao universo masculino, reivindica organização, planejamento, pautas prévias e bem definidas, lideranças bem preparadas, que poderiam ser homens “ou” mulheres, Maria está reivindicando uma igualdade de gênero que vai muito além do que as lideranças da *Volksverein* estavam acostumados.

O que Maria propõe no artigo é muito semelhante ao que já acontecia na comunidade de Sede Capela desde o final do ano de 1934, quando tiveram início as “reuniões de mulheres” naquela seção e cujas discussões e pautas são conhecidas através dos relatos que ela mesma fez na revista *St. Paulus-Blatt*. Na edição de janeiro de 1935, Maria publica uma espécie de “ata” da segunda assembleia de mulheres de Sede Capela que ocorreu em 16 de dezembro de 1934. Conforme o artigo, a participação feminina aumentou e as mulheres viam as reuniões como um “relaxamento mental” após o trabalho e as preocupações do cotidiano. Relata ainda que na reunião foi lido um artigo sobre “a tarefa educacional religioso-cultural da *Volksverein*”, que havia sido publicado no *Jornal Deutsches Volksblatt* de Porto Alegre. Além disso, foram lidos os tópicos “Amor ao marido”, “crescendo juntos” e “dinheiro” do livro “Alegrias e Sofrimentos de mãe” de Anton Heine<sup>27</sup>. Conforme relatos de Maria Rohde sobre outras reuniões da seção feminina de Sede Capela, o mesmo livro de Anton Heine ainda foi usado diversas vezes como ponto de apoio para as conversas e discussões das mulheres, tanto assim que a partir da edição de setembro, a *St. Paulus-Blatt* publicou pequenas partes do livro para que, no dizer de Maria Rohde, “as mães de outras seções possam extrair dele tantas alegrias e lições quanto nós tiramos

25 “Da keiner mehr etwas zu sagen wusste, wurde die Versammlung wieder mit dem katholischen Gruss geschlossen und man ging enttäuscht und unbefriedigt nach Hause” (*St. Paulus-Blatt*, nº 7, Juli, 1935, p. 11).

26 “Es wäre sehr zu begrüßen, wenn von tüchtigen Leitern auch dafür ein wenig Sorgen getragen werde” (*St. Paulus-Blatt*, nº 7, Juli, 1935, p. 11).

27 Ver *St. Paulus-Blatt*, nº 1, Januar, 1935, p. 13.

dele<sup>28</sup>.” Neste meio tempo também o espaço que a revista consagrava para as mulheres recebeu uma nova denominação. Ao invés de ser designado “para as mulheres” (*Für die Frauen*), passou a ser designado como “do mundo das mulheres” (*Aus dem Frauenland*). Enquanto a primeira denominação sugeria uma posição mais passiva e receptiva, conforme a qual a seção se dirigia às mulheres, a segunda sugeria uma postura mais ativa e propositiva que supunha um protagonismo feminino. Não há como afirmar com certeza, tendo como base apenas os relatos da própria St. Paulus-Blatt, se Maria Rohde teve influência na decisão que alterou o nome do espaço, mas uma coisa é certa: tão logo foi criada a seção feminina da *Volksverein* em Sede Capela, tendo desde o início Maria Rohde assumido a função de secretária, não teve mais pauta ou tema ligado à *Volksverein* que não fosse também discutido pelas mulheres. A julgar pelos relatos de Maria Rohde sobre os assuntos dessas reuniões periódicas (mensais), todos os apelos que a revista fizera desde o ano de 1928 para conquistar a colaboração feminina (*Frauenhilfe*) foram atendidas pelas mulheres de Sede Capela. Mais do que isso, aquela seção da *Volksverein*, como atesta a inserção dos trechos do livro de Anton Heine e a resposta de Maria Rohde ao artigo “posição da mulher dentro da *Volksverein*”, pretendia ser um exemplo do que deveria ser o envolvimento do mundo feminino nas questões da associação. Pretendia, portanto, alcançar um protagonismo que seria no mínimo igual ao desejado pelos dirigentes da Associação e, talvez, até um pouco maior.

Quando consideramos as pautas das reuniões da seção feminina de Sede Capela e os temas abordados nas reuniões, além das considerações pessoais da secretária Maria Rohde, observamos que predominam imagens e representações acerca da mulher e das tarefas que lhe cabem que vão um pouco adiante da imagem tradicional da mulher católica. Também do ponto de vista prático houve avanços já que as reuniões eram conduzidas de modo a favorecer troca de opiniões (*Meinungsaustausch*), o que não era uma característica comum nas reuniões ordinárias da Associação, nas quais prevaleciam as palestras. A preocupação central da seção feminina de Sede Capela era realizar a tarefa educacional, religiosa e cultural que a *Volksverein* havia se auto atribuído e na qual haviam atribuições específicas para as mulheres. Quando tomaram conhecimento dessa tarefa “cada seção foi então explicada e discutida para que elas também se conscientizassem de seu papel na *Volksverein* e, assim, também ganhassem mais interesse no trabalho da *Volksverein*.<sup>29</sup>” Não é à toa que, desde o início, a seção feminina de Sede Capela se envolveu nas iniciativas da Associação. Assim, Maria Rohde publica relato da reunião de fevereiro de 1935 quando a comunidade se reuniu para discutir a construção de um hospital e “nossas mulheres também foram convidadas e também compareceram em número considerável.<sup>30</sup>” Na reunião de março daquele ano, conforme o relato publicado na revista, foi sugerido que as mulheres fizessem ainda um pouco de história local e pesquisas genealógicas para que “possamos sempre contar aos nossos filhos e depois aos nossos netos onde foi o berço dos nossos antepassados<sup>31</sup>”. Mas o que talvez tenha sido a grande novidade dessa reunião é o que aconteceu por último:

28 “damit die Mütter andere Sektionen eben so viel Freunde und Lehren daraus ziehen, wie wir sie daraus gezogen haben” (St. Paulus-Blatt, nº 9, September, 1935, p.8).

29 “wurde dann jeder Abschnitt erläutert und besprochen, damit auch die Frauen sich ihrer Aufgabe im Volksverein bewusst werden und somit auch mehr Interesse an der Volksvereinsarbeit gewinnen” (St. Paulus-Blatt, nº 12, Dezember, 1935, p. 13).

30 “unsere Frauen zu dieser eingeladen waren und auch in ansehnlicher Zahl dor erschienen” (St. Paulus-Blatt, nº 4, April, 1935, p. 4).

31 “damit wir immer unseren Kindern und später unseren Enkeln auch noch erzählen können, wo die Wiege unserer Ahnen stand” (St. Paulus-Blatt, nº 4, April, 1935, p. 4).

No final também teve um “pouco de política”, assim, entre nós mulheres. “Ei, vejam só” talvez diga alguma leitora, “as mulheres da mata virgem de Porto Novo querem se tornar ‘modernas’”. Não, minhas queridas, de forma alguma. Pelo contrário, nós estamos felizes por podermos desfrutar da nossa paz na selva tão longe do grande mundo. Mas “estúpidas” nós não queremos ser. Queremos ser autênticas mulheres da *Volkverein*, que sabem o que acontece entre as pessoas, no mundo e, sobretudo, em nossa bela pátria mãe. E dos nossos homens, quando lêem jornais e se aborrecem com este ou aquele acontecimento político, não queremos mais ouvir como resposta à nossa primeira pergunta: “isto é política, isto vocês mulheres não entendem, para isso vocês são muito ‘ignorantes’<sup>32</sup>”.

O relato provavelmente expressa muito mais o pensamento da secretária Maria Rohde do que propriamente o sentimento geral das mulheres presentes na assembleia. Por outro lado, podemos igualmente compreender a declaração como uma resposta positiva aos apelos da *Volkverein* através da revista *St. Paulus-Blatt* a favor da cooperação feminina nos projetos da associação, mas não circunscrita às condições previamente estabelecidas pelos homens. O que o texto sugere é que as mulheres querem mais do que simplesmente ocupar uma posição dependente e subsidiária; elas querem mais do que discutir as questões econômicas e políticas no “pacífico círculo familiar”. É como se a seção feminina de Sede Capela declarasse: “está bem, contem conosco, mas não pensem que somos bobas. Se quiserem nossa colaboração, vão ter de partilhar e discutir conosco as iniciativas e os projetos pois não aceitamos ser associadas pela metade, queremos ser sócias *autênticas*, conhecedoras não só dos nossos deveres de esposas e mães, mas de cidadãs do mundo”. Na condição de secretária da seção feminina de Sede Capela, Maria Rohde não foi simplesmente porta voz da mentalidade hegemônica das mulheres da comunidade; através de seus relatos ela atribuiu a essas mulheres as ideias e valores que ela própria havia concebido no transcurso de sua trajetória de vida na Europa e nos EUA e que tentava legar também para suas conterrâneas. Tais ideias e valores estavam sem dúvida comprometidas com os ideais do cristianismo e do germanismo, mas de alguma maneira também expressavam novas aspirações nas quais as mulheres teriam um papel mais arrojado. Tal arrojo transparece na definição das pautas das reuniões da seção feminina de Sede Capela e nas práticas culturais que se implantaram na comunidade através de sua influência. Um exemplo é a introdução da comemoração do dia das mães já no ano de 1935. Relato publicado na revista *St. Paulus-Blatt* explica o motivo dessa novidade. Após explicar que o 2º domingo de maio foi instituído como feriado em quase todo mundo e que a iniciativa para a criação desse feriado havia sido da norte americana Anna Jarvis da Filadélfia já em 1910, Maria Rohde, argumenta que também as mulheres de Sede Capela querem celebrar de forma adequada essa data para que “esse belo costume de homenagear as mães também se torne comum aqui na selva distante, onde as mães também, como pioneiras, têm que suportar as maiores dificuldades e sacrifícios<sup>33</sup>”. Para a homenagem o convite é feito especialmente “para os homens e os filhos das mulheres” daquela seção. Na edição seguinte da revista, Maria Rohde relata o sucesso da primeira homenagem às mães e já

32 “Zum schluss wurde dann auch noch ein ‘bischen politisiert’, so unter uns Frauen. ‘Ei sie da’, wird vielleicht manche Leserin sagen, ‘die Urwaldsfrauen von Porto Novo wollen *modern* werden’. Nein, ihr Lieben, keineswegs. Im Gegenteil, wir freuen uns, dass wir so abseits der grossen Welt unseren Urwaldfrieden geniessen dürfen. Aber ‘dumm’ wollen wir nicht sein. Wir wollen echte Volksvereinsfrauen sein, die wissen, was im Volk, in der Welt und vor allem in unserem schönen Vaterland vor sich geht. Und von unseren Männern, wenn sie Zeitung lesen und sich über dieses oder jenes politische Ereignis aufregen, wollen wir bei der ersten Frage, die wir tun, nicht mehr die Antwort erhalten: ‘Das ist Politik, das versteht ihr Frauen nicht, dafür seid ihr ‘zu dumm’”. (*St. Paulus-Blatt*, nº 4, April, 1935, p. 4).

33 “dieser schöne Brauch der Mutterehrung sich auch bei uns im fernen Urwald einbürgert, wo doch auch die Mutter als Pionierin die grossten Entbehrungen und Opfer zu tragen hat” (*St. Paulus-Blatt*, nº 5, Mai, 1935,

expressa o desejo de que “essa linda festa fosse introduzida em todos os lugares da cidade e do interior para tornar a relação entre mãe e filhos cada vez mais íntima e amorosa.”<sup>34</sup> A declaração do desejo de introduzir a comemoração do dia das mães em todos os lugares nos permite duas ilações: não existia o costume de festejar a data nas diversas zonas de colonização alemã no sul do Brasil e a seção feminina de Sede Capela pretendia ser exemplo a ser seguido. Há uma pretensão de protagonismo especialmente entre a comunidade católica, leitora da revista *St. Paulus-Blatt*.

O caráter vanguardista da seção feminina de Sede Capela, liderada por Maria Rohde e suas duas irmãs também se evidencia nas temáticas tratadas nas reuniões mistas, isto é, naquelas em que homens e mulheres participavam simultaneamente. É o caso da reunião de dezembro de 1935. Conforme o relato, a reunião visava o planejamento da comemoração do natal daquele ano e durante a mesma aconteceu também a leitura de mais uma palestra do livro de Anton Heine “Sofrimentos e alegrias da maternidade”. Prevendo uma reação de estranhamento por parte das leitoras do relato, motivado pelo fato dessa leitura também ter sido feita para os homens, Maria Rohde argumenta que a preparação dos filhos no sentido de torná-los aptos para a vida bem como de despertar neles um senso de responsabilidade como cristãos de direitos e deveres dentro da *Volksverein* é um dever “dos pais” (*der Eltern*), o que justifica também a presença dos homens. A relatora ainda comemora o fato dos homens não apenas terem ouvido passivamente a leitura, mas também participaram da habitual discussão que acontecia nas reuniões femininas: “nossas mulheres saudaram o fato de que desta vez alguns homens, que em outras ocasiões ouviam em silêncio e em silêncio aprovavam o que ouviam, despertaram para opinar.”<sup>35</sup> O relato vai configurando não apenas as representações e imagens que as mulheres possuíam acerca delas mesmas, mas também as expectativas que tinham em relação aos homens. Na mesma medida em que as mulheres adentravam no mundo até então exclusivo dos homens, isto é, nos assuntos econômicos e políticos da *Volksverein*, elas tentavam atrair os homens para o mundo até então declarado como do campo feminino, isto é, a educação dos filhos. Não é à toa que o relato é encerrado com a seguinte conclusão: “concluimos que ‘tristeza de mãe e alegria de mãe’ é ou pode ser também ‘tristeza de pai e alegria de pai’<sup>36</sup>.”

A presença regular e intensa de Maria Rohde através de escritos e relatos na Revista *St. Paulus-Blatt* no ano de 1935 sugere que esta participação continuaria nos anos seguintes, mas curiosa e surpreendentemente não se encontra outros artigos assinados por ela nos anos posteriores. Pelo menos não até onde nossa consulta alcançou, ou seja, o ano de 1941, quando por conta dos desdobramentos da segunda guerra mundial e da proibição de publicações em idioma alemão, a publicação da revista foi interrompida por seis anos, tendo retornado somente no ano de 1947. Então não tivemos acesso a outros relatos das reuniões da seção feminina e nem das reuniões dos outros departamentos da *Volksverein* na comunidade de Sede Capela.

34 “es wäre sehr zu wünschen, dass dieses schöne Fest überall in Stadt und Land eingeführt würde, um somit das Verhältnis von Mutter und Kinder stets inniger und liebevoller zu gestalten” (*St. Paulus-Blatt*, nº 6, Juni, 1935, p. 5).

35 “Es wurde von unseren Frauen ganz besonders freudig begrüßt, dass sich diesmal einige Männer, die sonst mit stillschweigend zuhörten und das Gehörte stillschweigend genehmigten, sich zu eine Mitrede aufraussten” (*St. Paulus-Blatt*, nº 12, Dezember, 1935, p. 8).

36 “Daraus schlissen wir, dass ‘Mutter leid und Mutterfreud’ auch ‘Vaterleid und Vaterfreud’ ist oder sein kann” (*St. Paulus-Blatt*, nº 12, Dezember, 1935, p. 8)

## 5 Considerações finais

A associação Volksverein, através de seu órgão oficial de imprensa, St. Paulus-Blatt, teve dificuldades para sensibilizar o mundo feminino para as questões da entidade. Desenvolveu diversas estratégias para conquistar o público feminino e envolvê-lo nos projetos da entidade e na leitura e discussão dos temas veiculados pela revista St. Paulus-Blatt. Havia dificuldades práticas para tanto, em especial o baixo nível de instrução formal dos colonos teuto brasileiros. Sobre as representações de gênero, a revista St. Paulus-Blatt permaneceu dependente das cosmovisões derivadas do romantismo conservador e do germanismo que atribuem à mulher papéis dependentes e subsidiários. As duas mulheres que contribuíram com escritos na revista durante o período histórico recortado, reproduzem parcialmente as representações de gênero da revista, mas, em especial Maria Rohde, acena para um protagonismo feminino que praticamente coloca a mulher em condição de igualdade em relação ao homem.

## Referências

- GRÜTZMANN, Imgart. **A mágica flor azul: canções, romantismo, nostalgia e continuidade no germanismo**. Escritas (Goiânia), v.v.1, p.201-227, 2008.
- LERMEN, Gisela Anna Bütner. **Mulheres e igreja – memórias desafiadoras. Contribuição ao resgate da história de mulheres imigrantes alemãs católicas, na região colonial alemã do Brasil Meridional durante a época da restauração católica (1850 – 1939)**. São Leopoldo, Tese (doutorado), Programa de Doutorado em História, UNISINOS, São Leopoldo, 2004.
- RAMBO, Arthur Blasio. **Somando forças – o projeto social dos jesuítas no sul do Brasil**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.
- ROHDE, Maria W. **Espírito Pioneiro: a herança dos antepassados**. In: EIDT, Paulino; EIDT, Valdir (Orgs.) Itapiranga: Editora Schreiber, 2021.

## Periódicos

- St. Paulus-Blatt, nº 1, Januar, 1926, p. 1
- St. Paulus-Blatt, nº 2, Februar, 1926
- St. Paulus-Blatt, nº 2, Februar, 1927, p. 7
- St. Paulus-Blatt, nº 5, Mai, 1928, p. 2
- St. Paulus-Blatt, nº 6, Juni, 1928, p. 3
- St. Paulus-Blatt, nº 8, August, 1928, p. 4
- St. Paulus-Blatt, nº 11, November, 1928, p. 3 e 4).
- St. Paulus-Blatt, nº 12, Dezember, 1929, p. 3)
- St. Paulus-Blatt, nº 1, Januar, 1930, p. 13)

St. Paulus-Blatt, nº 2, Februar, 1930, p. 5).

St. Paulus-Blatt, nº 5, Mai, 1934, p. 1

St. Paulus-Blatt, nº 9, September, 1934, p. 1

St. Paulus-Blatt, nº 1, Januar, 1935, p. 13

St. Paulus-Blatt, nº 4, April, 1935, p. 6)

St. Paulus-Blatt, nº 5, Mai, 1935, p. 8

St. Paulus-Blatt, nº 6, Juni, 1935, p. 5).

St. Paulus-Blatt, nº 7, Juli, 1935, p. 11

St. Paulus-Blatt, nº 9, September, 1935, p.8

St. Paulus-Blatt, nº 10, Oktober, 1935

St. Paulus-Blatt, nº12, Dezember, 1935, p. 7-8